

Livro do Ano pelo
The Economist e Financial Times

ROLETA VERMELHA



UMA HISTÓRIA
EXCLUSIVA DE
RIQUEZA, PODER,
CORRUPÇÃO
E VINGANÇA NA
CHINA DE HOJE

DESMOND SHUM

BILIONÁRIO QUE DENUNCIOU A CORRUPÇÃO
NO PARTIDO COMUNISTA DA CHINA



ALTA CULT
EDITORA
Rio de Janeiro, 2022

☪ SUMÁRIO ☪

Introdução	XI
Capítulo Um	1
Capítulo Dois	17
Capítulo Três	39
Capítulo Quatro	55
Capítulo Cinco	73
Capítulo Seis	81
Capítulo Sete	91
Capítulo Oito	107
Capítulo Nove	121
Capítulo Dez	141
Capítulo Onze	157
Capítulo Doze	173
Capítulo Treze	195
Capítulo Catorze	211
Capítulo Quinze	229
Capítulo Dezesseis	241
Capítulo Dezessete	257
Capítulo Dezoito	273

Posfácio	285
Epílogo: Um Ano Depois	291
Agradecimentos	307
Notas	311
Índice	317

Amostra

❖ CAPÍTULO UM ❖

CONSIDERANDO MINHAS ORIGENS, HAVIA POUCOS motivos para acreditar que um dia eu teria ligações com o poder econômico e político da China na virada do século XXI. Não nasci na aristocracia vermelha — os filhos dos líderes do grupo de elite dos comunistas que tomaram o poder na China em 1949. Longe disso. Minha personalidade parecia não ser apropriada para o papel.

Nasci em Xangai em novembro de 1968; minha família estava dividida entre aqueles que tinham sido perseguidos depois que os comunistas chineses chegaram ao poder, e aqueles que não tinham. De acordo com a doutrina comunista, meu lado paterno pertencia a uma das “cinco categorias pretas”: senhorio, camponês rico, contrarrevolucionário, mau elemento ou direitista. Antes da Revolução Comunista de 1949, meus ancestrais eram donos de terras. Sua maldição era dupla, se considerarmos a acusação adicional de terem parentes no exterior. Em qualquer outro lugar do mundo essas seriam características distintas, mas, na China das décadas de 1950 e 1960, o sucesso econômico e contatos internacionais significava que eram, como diziam os comunistas, “ratos

nascidos no país”. O status baixo da minha família impediu meu pai de frequentar boas escolas e o sobrecarregou com um ressentimento contra o mundo, sentimento que ele carregaria durante toda a vida.

Meus parentes paternos faziam parte da aristocracia rural de Suzhou, uma cidadezinha no delta do Rio Yangtze, conhecida como a Veneza chinesa graças aos seus suntuosos jardins e canais pitorescos. Reza a lenda familiar que, em 1949, quando as forças comunistas avançaram em sua guerra civil contra o Exército Nacionalista de Chiang Kai-shek, o clã Shum jogou seus itens de valor em um poço localizado no complexo da família. Aquela terra foi subsequentemente expropriada pelo governo comunista e, atualmente, é o local de um hospital estatal. Durante um encontro familiar anos atrás, um parente mais velho me passou uma localização bem específica e tentou me convencer a escavar esse tal tesouro. Ao perceber que o governo chinês considera propriedade do Estado tudo que está sob a terra, objetei.

Meu avô paterno era um ilustre advogado em Xangai antes da Revolução. Conforme os comunistas apertaram suas garras sobre a nação, ele, como muitos dos abastados, tivera a chance de fugir. Porém, meu avô hesitou perante a perspectiva de se tornar um refugiado humilde. Para ele, Hong Kong, destino favorito para os migrantes de Xangai, nunca poderia se comparar com sua cidade natal, na época conhecida como a Paris do Oriente. Ao comprar a ideia da propaganda comunista de que o Partido faria parcerias com os membros da classe capitalista para construir a “Nova China”, ele decidiu ficar.

Meu pai nunca perdoou meu avô por tal decisão, sustentando que sua crença ingênua no Partido custou-lhe a juventude. Em 1952, as autoridades do Partido fecharam o escritório de advocacia

do meu avô e expulsaram a família inteira, incluindo os dois irmãos e a irmã do meu pai, da casa geminada de três andares em Xangai, que meu avô tinha comprado com barras de ouro antes da Revolução. Meu avô levou todo mundo de volta a Suzhou. Todo mundo, quer dizer, com exceção do meu pai, que, aos 10 anos, foi orientado a ficar em Xangai para terminar o colégio.

Os 5 anos seguintes foram difíceis. Meu pai pulava de casa em casa de parentes, mendigando comida e um local para dormir. Não raro, pegava no sono com fome. Um tio foi particularmente bondoso com ele, muito embora a Revolução não tivesse sido bondosa. Antes da tomada comunista, esse tio era um executivo bem-sucedido. Os comunistas tomaram sua empresa e lhe atribuíram um trabalho como condutor de riquixá em uma das fábricas que ele possuía. Eles eram mestres nesse tipo de tratamento, criado para destruir as posses mais estimadas de um homem — sua dignidade e seu respeito próprio.

Como descendente de uma família de advogados capitalistas em um país comunista, meu pai aprendeu a manter-se imperceptível. Viver por conta própria o fez resiliente e o ensinou a sobreviver. Mesmo assim, seus problemas só fortaleceram sua raiva contra meu avô por manter a família na China.

O fato de crescer com fome e de estar sozinho em Xangai incutiu em meu pai um medo de formar conexões mais profundas com aqueles ao seu redor. Ele odiava ficar devendo qualquer coisa a qualquer um, e só queria depender de si mesmo. Esse mesmo ponto de vista foi incutido em mim e, até hoje, fico desconfortável ao sentir que estou devendo algo. Só depois, após ter conhecido a mulher que viria a ser minha esposa, eu aprenderia como isso pode ser isolador. No vaivém da vida, se não deve nada a ninguém, diria Whitney, ninguém jamais estará em dívida com você e nunca

desenvolverá relacionamentos mais profundos. Embora tenha passado anos com medo do meu pai, agora o vejo como uma figura solitária que lutou sozinho contra o mundo.

A origem de classe condenada do meu pai impossibilitou-o de frequentar uma das melhores faculdades da China. Sendo assim, foi-lhe atribuída uma escola de treinamento de professores em Xangai, onde se formou em Chinês. Alto para sua geração, com mais de 1,82m, ele era a estrela do time de vôlei da escola. Sua diligência obstinada e seu atletismo devem ter chamado a atenção da minha mãe. Os dois se conheceram na faculdade de professores em 1962. Minha mãe também era atraente, alta para o padrão chinês — 1,76m — e também atleta; era velocista. Na foto em branco e preto do tamanho de um selo tirada no dia, eles estão usando uniformes pardos de Mao e não esboçam nenhuma expressão, mas, ainda assim, formam um belo casal.

A família da minha mãe tinha conexões no exterior, mas ela e seus parentes se esquivaram da perseguição. Meu avô paterno é oriundo da província de Guangdong, perto de Hong Kong. Como muitos clãs do sul da China, sua família espalhará-se pelo mundo. Sete irmãos e irmãs imigraram para a Indonésia, Hong Kong e Estados Unidos. Antes da Revolução Comunista de 1949, o pai da minha mãe viajava entre Hong Kong e Xangai, administrando os negócios em ambas as cidades. Em determinado momento no fim da década de 1940, ele representava os patrões nas negociações com um representante dos funcionários da Fábrica de Pasta de Dentes Xangai, chamado Jiang Zemin. Jiang viria a ser o chefe do Partido Comunista em 1989 e o presidente da China em 1993. Quando os comunistas tomaram Xangai em 1949, a família da minha mãe mudou-se para Hong Kong, mas após um desentendimento com meu avô, minha avó voltou para Xangai com os três

filhos, incluindo minha mãe. No entanto, o casal nunca se divorciou, e meu avô sustentava minha avó enviando dinheiro para a China até o dia de sua morte.

A família da minha mãe não sofreu sob o governo comunista. Após a Revolução de 1949, o Partido Comunista Chinês usava famílias como a da minha mãe como uma fonte de moeda internacional e para quebrar o embargo comercial da Guerra Fria que os Estados Unidos infligiram à China. O Partido denominava tais famílias “chineses patrióticos no exterior”, um sinal para as autoridades na China a pegarem leve com aqueles parentes que ficaram para trás. A certa altura, os comunistas pediram ao meu avô que administrasse a subsidiária da estatal de petróleo chinesa em Hong Kong, a Corporação Nacional de Petróleo da China.

Minha avó materna era uma figura. Linda quando jovem, veio de uma família rica da cidade litorânea de Tianjin, que, antes da Revolução Comunista, era um centro comercial e de negócios do norte da China. Abrigada em uma casa geminada de Xangai, que esse lado da família nunca perdeu, levantava todas as manhãs às 4h para fazer calistenia em um parque ali perto, comprava uma xícara de leite de soja e um *youtiao*, uma massa frita no formato de um pãozinho comprido, para o café da manhã, e ia para casa fumar — algo raro para uma mulher naqueles dias — e jogar paciência. Sustentada pelas remessas de fundos de Hong Kong, nunca trabalhou em sua vida e teve empregados mesmo durante os dias mais sombrios da Revolução Cultural, quando as pessoas que tinham estudado no Ocidente foram assassinadas aos milhares pelo crime de favorecer as ideias ocidentais como ciência, democracia e liberdade. Ela escapou ilesa, protegida pela aura de sua associação com os “chineses patrióticos no exterior”.

Minha avó permaneceu extrovertida e popular até a velhice. Eu adorava visitá-la nos fins de semana. Ela moía suas próprias sementes de gergelim, fazendo uma pasta saborosa e servindo bandejas de *baozi* no vapor, um bolinho do tamanho de uma bola de tênis recheado com carne e vegetais, uma especialidade de sua cidade natal, Tianjin.

Minha mãe teve uma infância muito mais feliz que meu pai. Como minha avó, ela era do tipo sociável. Popular entre os colegas de classe, ela possuía uma visão alegre sobre a vida. Sua personalidade era quase o oposto polar da do meu pai, especialmente quando o assunto era risco. Minha mãe arriscava-se; meu pai, não. Posteriormente, ela desenvolveu instintos de investimento incrivelmente bons que lhes permitiram aproveitar os booms imobiliários tanto em Hong Kong quanto em Xangai.

Em 1965, com a permissão do Partido, meus pais se casaram. As autoridades do Partido atribuíram aos dois trabalhos como professores em diferentes colégios. É o que acontecia naquela época. O Partido controlava tudo. Não dava para escolher o próprio trabalho ou o dia do seu casamento. Na Escola de Ensino Médio Xiangming em Xangai, meu pai lecionava Chinês e Inglês, que aprendera ouvindo lições no rádio. Ele também era o técnico do time feminino de vôlei e regularmente disputavam o campeonato municipal de Xangai. Todos aqueles anos de muito cuidado compensaram quando a comissão do Partido na escola o nomeou “professor modelo”.

A escola da minha mãe ficava a uma hora de bicicleta de sua casa. Ela lecionava matemática e os alunos a adoravam. Um dos motivos para isso era sua diligência; o outro era sua empatia. Meu pai era do tipo “é do meu jeito e ponto final”. Minha mãe era mais flexível. Essa qualidade lhe foi útil ao lecionar matemática,

especialmente no ensino médio chinês, onde o conteúdo programático fica exigente. Sua habilidade de ver os problemas sob a perspectiva do aluno permitiu a ela guiá-los melhor a uma solução. Ela também era uma voz moderadora conforme as campanhas políticas se espalhavam pelo colégio e alunos e professores se atacavam por transgressões ideológicas. Durante seções de críticas em massa quando um aluno era evidenciado, minha mãe interferia e encerrava o confronto antes de ficar violento demais. Nenhum outro professor no colégio ousava fazer o mesmo. Mas o status dela como a filha de um “chinês patriótico no exterior” lhe conferia certa proteção para ajudar. Suas ações eram como lançar uma corda a alguém que estava se afogando, atitude que seus alunos nunca esqueceram. Até hoje, eles ainda promovem reencontros.

Minha mãe era a segunda de três filhos, no meio de dois irmãos. Após o casamento dos meus pais, meus tios tiravam sarro dela por ter escolhido um homem das humildes “cinco categorias pretas”. Eles nunca deixaram meu pai se esquecer de que pertenciam a um status exaltado e tinham mais dinheiro, cortesia do estipêndio mensal enviado de Hong Kong pelo meu avô. Um dos meus tios comprou a primeira motocicleta do bairro com esse dinheiro e fez questão de que meu pai soubesse do fato.

Eu nasci no meio da Revolução Cultural. O Partido enviou meus pais ao interior para aprenderem com os camponeses chineses, um programa concebido pelo líder Mao, que destruiu as vidas de milhões de pessoas e acabou levando a economia da China para o buraco. Meus pais e eu tivemos a sorte de nunca perdermos a permissão de vivermos em Xangai, diferentemente das centenas de milhares de residentes dessa cidade que foram exilados à versão chinesa da Sibéria, para nunca mais retornar. Os colégios dos meus pais os permitiram ir um de cada vez para morar entre os camponeses chineses, então, nunca fiquei sozinho.

Nasci um bebê robusto e cresci rápido. Era digno do meu nome chinês, Dong, que significa “ pilar”. Meu tamanho — chegando a 1,98m — e o atletismo me fizeram um líder natural entre meus pares. Meus pais também cultivaram em mim o amor pela leitura. Desde meus primeiros dias, tinha a melhor coleção de gibis sobre as figuras míticas da China, os heróis da Revolução Comunista chinesa e da guerra da China contra o Japão. Criado com as histórias de Xiao Gazi, uma criança que pegou em armas para matar invasores japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, eu era naturalmente patriota — e adorava narrar histórias. Meus amigos rodeavam-me para ouvir tais histórias. Eu criava outras conforme as narrava. Ainda me lembro de tramar uma aventura maluca sobre uma caverna que se abriu no solo para engolir o comboio de um general chinês.

Aqueles gibis, repletos de sagas de pessoas que se sacrificavam pela pátria e pela Revolução Comunista, nutriram em mim um profundo amor pela China. Eles definiram o tom para minha vida posterior e alimentaram uma crença de que eu, também, deveria me dedicar à construção da China. Fui ensinado a ver a China como um ótimo país e a acreditar em sua promessa.

Em Xangai, vivíamos na mesma casa que as autoridades comunistas tinham expropriado do meu avô paterno em 1952. Era geminada ao estilo inglês em uma rua que saía da Avenida Huaihai Middle, uma alameda principal na antiga Concessão Francesa, distrito arborizado que, antes da Revolução de 1949, era administrado por servidores públicos de Paris, como parte do reino imperial francês. Os comunistas geralmente direcionavam os outrora proprietários a viverem em um cantinho de sua antiga casa, novamente uma tática deliberada para demonstrar o espantoso poder do Estado.

Fomos colocados em dois quartos no segundo andar. Um médico e sua família ocupavam a antiga sala de estar do meu avô no térreo. O médico estudara na Inglaterra antes da Revolução e seu apartamento era abarrotado com periódicos estrangeiros de medicina. Uma família de parentes distantes vivia acima de nós, no terceiro andar. Todas as dez pessoas da casa compartilhavam um banheiro e uma cozinha. Uma das principais padarias de Xangai ficava na esquina e o cheirinho de pão assando nos atormentava constantemente.

Nós dividíamos o quarto; meus pais dormiam em uma cama de casal e eu numa de solteiro. Uma cômoda com gavetas nos separava. Uma mesinha com nossa valorosa posse — um rádio — ficava ao lado da minha cama. Meu pai passava horas sobre um banquinho, perante o aparelho, aprendendo inglês. Quando meus pais estavam lá embaixo cozinhando, eu deixava de lado minha lição de casa e sintonizava programas sobre os heróis chineses do passado, ouvindo atento ao narrador e ao menor sinal dos passos dos meus pais subindo as escadas. Eles queriam que eu me dedicasse aos estudos. Como muitas crianças chinesas, eu ficava em casa enquanto meus pais trabalhavam. Chegava em casa na hora do almoço e, sozinho, preparava minha refeição. Logo cedo, também fazia o café da manhã.

Raivoso com sua sorte e nutrindo seus ressentimentos, meu pai descontava sua insatisfação em mim. Ele me puxava para o meio do cômodo sob uma fraca luz fluorescente pendurada por dois fios presos ao teto e me batia impiedosamente com cintos ou com as costas de sua mão, ou ainda com uma régua de madeira, que era dura feito pedra. Na verdade, eu era uma criança-modelo. Fui um dos primeiros da minha turma a conseguir entrar na Pequena Guarda Vermelha, uma organização infantil seletiva sancionada

pelo Partido Comunista Chinês. Fui selecionado como representante de sala e reconhecido como um líder natural. Mas meu pai não se importava e me batia assim mesmo.

Certo dia, me esqueci de uma lição. Os professores chineses são muito assíduos em termos de informar aos pais as falhas de seus filhos. Naquela noite, meu pai me espancou como se não houvesse amanhã. A esposa do médico no andar de baixo ouviu meus gritos, subiu as escadas, bateu à nossa porta e pediu calmamente que meu pai parasse com aquilo. Ele parou. Meus pais respeitavam aquela família, especialmente porque o médico estudara no Ocidente. Sua esposa acabou sendo minha salvadora. Sempre que meu pai se lançava sobre mim, eu rezava para que meus gritos fizessem com que ela subisse as escadas.

Meus pais me disseram que, na verdade, eu estava muito bem. Outros pais puniam seus filhos fazendo com que se ajoelhassem por horas sobre uma tábua de lavar roupas cheia de sulcos que esfolava a pele do joelho. Não estou convencido sobre o que me disseram. Ainda tenho pesadelos com ele me espancando. Acordo suando frio e com o coração disparado. Meu pai e eu nunca tivemos um acordo de contas sobre o passado. Ele nunca deu a entender que, retrospectivamente, se arrependia de me tratar de forma tão bruta.

Minha mãe, que tanto protegia seus alunos na escola, nunca me concedeu a mesma cortesia. Pelo contrário, expressava sua desaprovação, não batendo em mim, mas com palavras. Já com meus trinta e poucos anos, ela constantemente mencionava que eu era “mais burro que um rebanho de gado e mais obtuso que um monte de vegetais”.

“Pássaros burros precisam começar a voar cedo”, dizia-me ela, destacando que, se eu quisesse ser alguém, precisaria dar muito mais duro que as outras crianças.

Assim, em casa, cresci em um ambiente de degradação e punições. Elogios eram tão raros quanto os ovos naquela época. Meus pais pegavam no meu pé por causa dos meus erros. “Não fique se achando”, dizia minha mãe sempre que eu experimentava um pequeno sucesso. Mais tarde, a maioria das interações com meus pais se tornaram tentativas de evitar a crítica em vez de tentar ganhar elogios. Não se tratava de abraçar a conquista. A questão era escapar do fracasso. Preocupava-me constantemente o fato de que eu não era bom o bastante.

Naquela mesma época, e desde criança, eu experimentava uma diferença enorme entre o mundo fora de casa, onde eu era reconhecido como líder, contador de histórias, atleta e até uma boa pessoa, e o mundo dentro do nosso minúsculo apartamento, onde meus pais pareciam estar totalmente decepcionados comigo. Talvez isso fosse comum para as crianças chinesas, momentos em que as expectativas são altas e o criticismo é constante e em que os pais acreditam que os filhos aprendem com o fracasso, e não com o sucesso. Conforme ia ganhando maturidade, a tensão entre esses dois mundos crescia.

No entanto, sempre serei grato aos meus pais por me ajudarem a ler logo cedo, e muito. Ambos sabiam exatamente que tipos de livros me fascinariam. Eles me iniciaram com gibis. Logo, me formei com *wuxia xiaoshuo*, as ficções de artes marciais do tipo que viriam a inspirar o diretor Ang Lee a fazer filmes como o sucesso *O Tigre e o Dragão*.

Por crescer como filho único em uma sociedade em que, na época, todos tinham irmãos, passei muito tempo sozinho. Então, eu lia. Os livros de artes marciais, assim como a série Harry Potter atualmente, me puxavam para um universo imaginário repleto de relacionamentos complicados nas cortes dos reis, de batalhas de vida ou morte, amor e ódio, rivalidades e vinganças, tramas e esquemas. Minhas histórias favoritas seguiam uma trajetória semelhante. Um garotinho testemunha o assassinato de seus pais. A miséria vem em seguida conforme ele mendiga por comida e faz de tudo para se manter aquecido no inverno enquanto é caçado pelo assassino, que está resoluto para extirpar a família do garoto da face da Terra. Perdido no deserto, ele tropeça e cai numa caverna e encontra um monge itinerante que o ensina os segredos do *wushu*. Após anos de dureza, ele retorna para casa, exige vingança e une os artistas marciais do império para trazerem a paz a todos aqueles sob o céu. Vi a mim mesmo nessa história, lutando contra meus próprios demônios e batendo neles.

Meu colégio ficava perto do Hotel Jinjiang, um dos mais famosos em Xangai antes dos acontecimentos de 1949 e, na época, apenas um dos dois hotéis na cidade que recebiam viajantes estrangeiros. Nossa proximidade com o Jinjiang significava que o Departamento de Propaganda frequentemente organizava grupos de estrangeiros para fazerem um *tour* pelo colégio. O Partido Comunista Chinês dividia o mundo em inimigos e aliados e, para ganhar apoio internacional, cultivava “amigos estrangeiros” de forma agressiva, como intelectuais, jornalistas e políticos, todos esquerdistas. Sempre que um grupo de “amigos estrangeiros” aparecia no meu colégio, os melhores alunos de matemática eram apresentados para realizar cálculos nos quadros negros, e os melhores atletas eram convocados para uma aula de ginástica — tudo

parte de uma grande tradição comunista chinesa de ludibriar os incrédulos colegas viajantes para que reconhecessem o brilhantismo do socialismo chinês.

Certo dia, um representante da vasta administração chinesa de esportes, com o estilo soviético, veio ao nosso colégio. Um grupo dos mais atléticos entre nós foi instruído a tirar as roupas e ficar de cueca. O burocrata analisou minhas mãos e pés e declarou que eu deveria ser nadador. Meu pai começou a me levar à piscina pública perto da minha escola infantil. Ele me ensinou a nadar usando a típica maneira chinesa: me jogou na água. Subi à superfície me debatendo e engoli muita água. Em poucas semanas, porém, estava pronto para um teste em uma equipe local. Aos 6 anos, consegui a vaga.

Os treinos de natação aconteciam sete dias por semana em uma piscina que ficava a 40 minutos de caminhada desde minha casa. Todas as manhãs, acordava às 5h30, fazia meu próprio café da manhã e partia pelas ruelas serpentinosas de Xangai até a piscina. Aproveitava-me desse desafio para tentar descobrir atalhos. Ao entrar em uma nova ruela, nunca sabia aonde sairia. Aprendi rápido que havia muitas rotas para chegar ao mesmo lugar. Nós nadávamos das 7h às 8h, e depois eu caminhava até o colégio. Em geral, tínhamos um segundo treino à tarde. As competições aconteciam nos fins de semana. Não demorou até que me tornasse o número um em nado de costas e o número dois em nado *crawl* dentro do meu grupo etário. O filho de um vizinho era meu principal concorrente; mais para frente, ele chegou à seleção nacional da China. Costumávamos caminhar juntos até a piscina. No vestiário, nas manhãs após ter apanhado do meu pai, eu tentava esconder os vergões em meus braços, costas e pernas. Mas ele os percebia. Disse-lhe que era um sortudo porque seu pai não batia nele. Ele me deu um sorriso triste.

Nosso treinador, o técnico Shi, era um típico técnico chinês: baixinho, gordinho e com um péssimo temperamento. Os invernos em Xangai eram frios, mas como a cidade fica ao sul do Rio Yangtze, sob as regras impostas pelo governo central, nenhum dos prédios tinha aquecimento. O técnico Shi começava os treinamentos nas manhãs de inverno ordenando-nos a nadar borboleta para quebrar uma fina camada de gelo que havia se endurecido na superfície da piscina durante a noite. Os técnicos às vezes jogavam água quente de grandes garrafas térmicas na piscina só para nos observar, como peixes contorcendo-se atrás da comida, rodeando os lugares quentinhos numa vã tentativa de evitar o frio. Eles achavam isso hilário.

Havia benefícios por fazer parte da equipe. Depois dos treinos à tarde, ganhávamos refeições decentes. Arroz e carne ainda eram racionados na China, mas na cantina da equipe éramos tratados com carne magra, e não só gordura, vegetais de boa qualidade e algo que todos estimávamos: o ocasional ovo. Uma vez por ano ganhávamos uma galinha para levarmos para casa. Tornei-me adepto de furtar comida extra, que repartia com meus colegas de equipe em troca de sua lealdade. A comida era preciosa naqueles dias; era uma forma de ganhar a liderança da matilha.

A natação contribuiu tremendamente para quem sou hoje. Ela me deu autoconfiança, perseverança e a alegria de um empreendimento com propósito. Por meio da natação, encontrei pessoas que estão muito longe do meu círculo social normal. Ainda sinto sua influência.

Quando criança, tinha apenas a mais vaga noção de política. Lembro-me de passar caminhando por cartazes políticos exigindo que as classes inimigas fossem implacavelmente punidas conforme a Revolução Cultural semeava o caos nacional. Ouvi soldados

em postos do exército perto do meu colégio cantando os slogans contra o desvio ideológico e louvando o fundador da China comunista, o líder Mao Tsé-Tung. Vi os prisioneiros políticos usando chapéus de burro sendo levados pelas ruas em caminhões abertos, rumo à sua execução.

Então, no dia 9 de setembro de 1976, Mao morreu. Meus colegas e eu, então com 8 anos, entendíamos muito pouco sobre o que isso significava. Quando a escola deu a notícia, nossos professores começaram a chorar, então, começamos a chorar também. Saiu um decreto de que não podíamos brincar nem sorrir. Vários de nós foram repreendidos por fazer muito barulho.

Cerca de um ano depois, um líder sênior chinês chamado Deng Xiaoping retornou ao poder após anos em exílio interno. Deng organizou a prisão da Gangue dos Quatro, um grupo de esquerdistas extremos que se formou ao redor de Mao. Depois, em 1979, ele lançou as reformas históricas que transformariam a China na potência econômica que é hoje. Porém, minha família não vivenciaria tais mudanças históricas. Meus pais tinham outros planos.